



O coração das trevas: relato de uma alteridade silenciada

Douglas Ceccagno

Universidade de Caxias do Sul, Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130, 95070-560, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: dceccag1@ucs.br

RESUMO. *O coração das trevas*, de Joseph Conrad, é uma narrativa repleta de lacunas, que podem ser completadas pelo leitor de diferentes maneiras. Essas lacunas envolvem tanto o que é silenciado pela narrativa quanto a escuridão indevassável aos olhos do narrador. Assim, a crítica literária, a partir de diferentes perspectivas, tem aplicado a essas aberturas seus olhares característicos e, em consequência, descoberto múltiplas possibilidades de leitura do texto de Conrad. Este trabalho pretende expor diferentes formas de interpretar o não dito e o indevassável a partir de diferentes teorias contemporâneas da literatura: a Desconstrução, a Crítica Psicanalítica, a Crítica da Recepção e o Novo Historicismo. Para tanto, utilizam-se como referenciais teóricos os ensaios de J. Hillis Miller, Frederick R. Karl, Ross C. Murfin, Adena Rosmarin e Brook Thomas, presentes na coletânea *Heart of darkness: a case study in contemporary criticism*, editado por Ross C. Murfin. O objetivo é demonstrar como as diferentes perspectivas, tomadas em conjunto, corroboram a relatividade da interpretação, ao mesmo tempo em que afirmam a impossibilidade, por parte do ‘europeu civilizado’, de uma compreensão plena do sentido da narrativa que ele mesmo tece sobre a cultura que pretende dominar.

Palavras-chave: Joseph Conrad, teorias contemporâneas, novo historicismo.

Heart of darkness: narrative of a silenced otherness

ABSTRACT. *Heart of darkness*, by Joseph Conrad, is a narrative full of gaps, which may be interpreted by the reader in different ways. These gaps involve both what is silenced by the narrative and the darkness which is impenetrable by the eyes of the narrator. Therefore, literary criticism, based on different views, has applied its characteristic looks towards these gaps, and thus discovered many ways of reading Conrad's text. This work aims at exposing different ways to interpret the unspoken and unfathomable based on different contemporary theories of literature: Deconstruction, Psychoanalytic Criticism, Reader-Response Criticism and New Historicism. In order to do this, essays by J. Hillis Miller, Frederick R. Karl, Ross C. Murfin, Adena Rosmarin and Brook Thomas, present in the collection *Heart of darkness: a case study in contemporary criticism*, edited by Ross C. Murfin, are used as theoretical reference. We intend to demonstrate how the different perspectives, taken together, support the relativity of the interpretation, while they affirm the impossibility of a full understanding, by the ‘civilized European’, of the meaning of the narrative he weaves about the culture he intends to master.

Keywords: Joseph Conrad, contemporary theories, new historicism.

Introdução

Na procura de desvendar as lacunas da linguagem de Marlow em *O coração das trevas*, os estudos críticos se multiplicam, de modo que a narrativa cujo sentido não está no centro, mas do lado de fora como um halo nebuloso acabou sendo um objeto propício a diferentes interpretações baseadas numa hermenêutica da suspeita. Os fundamentos dessa hermenêutica podem ser encontrados em Nietzsche, filósofo que desconfia da busca da verdade empreendida pela filosofia e pela ciência, e considera que elas produziram uma série de metáforas, uma mentira de sentido moral, que gera o sentimento de verdade por uma inconsciência secular (Nietzsche, 1983).

Assim, além do que é declarado na obra literária, é preciso investigar aquilo sobre o qual nada se diz. Numa narrativa repleta de vazios, de zonas de sombra, o trabalho da crítica literária é, então, tentar completar os espaços a partir das condições culturais de produção e recepção da obra, mas também das condições históricas a que ela se refere. No que diz respeito ao romance de Conrad, várias teorias literárias contemporâneas se debruçaram sobre seus vazios. Logo, é no estudo comparativo entre as suas conclusões que se pode chegar a um discurso coerente e relevante sobre *O coração das trevas*.

No caso desse romance, a procura de algo do qual só se pode suspeitar acabou gerando um salutar questionamento sobre as possibilidades da própria

teoria no desvendamento do significado de um texto ficcional. Se, por um lado, a sucessão de metáforas do texto parece concordar com o pressuposto nietzschiano (e, nessa perspectiva, a narrativa em si seria a elaboração de uma mentira), por outro lado, várias vertentes da crítica literária ousaram demonstrar como o fato de não expressar abertamente o próprio sentido faz de *O coração das trevas* uma narrativa importante do ponto de vista da investigação de seus objetos e da comprovação dos pressupostos que defendem. Este trabalho, baseado nos estudos que compõem a coletânea *Heart of darkness: a case study in contemporary criticism*, publicada pela St. Martin's Press de Nova Iorque em 1989, pretende abordar o romance de Conrad do ponto de vista de algumas teorias contemporâneas da literatura e discutir até que ponto o preenchimento das lacunas do texto pode revelar as relações de dominação presentes no processo de colonização da África pela Europa no século XIX.

A crítica literária lê *O coração das trevas*

Segundo Ross C. Murfin, na introdução à coletânea, a linguagem repleta de lacunas de *O coração das trevas* mereceu a atenção dos críticos desde os primeiros estudos sobre a obra. Em um deles, publicado em 1902, Edward Garnett reconheceu, no romance, a deterioração moral do homem branco enviado aos trópicos como 'emissário da luz, armado até os dentes'¹. Em resposta, ainda de acordo com Murfin, o próprio Conrad felicitou a tentativa de interpretar a nebulosidade (*foggishness*) do texto. (Murfin, 1989, p. 97).

Numa abordagem mais recente dessas lacunas, o crítico desconstrucionista J. Hillis Miller faz uma analogia entre a narrativa de *O coração das trevas* e a parábola, tendo como modelo a parábola bíblica. A analogia é justificada pela constatação de que a parábola se utiliza de uma linguagem familiar aos seus ouvintes para transmitir um sentido que lhes é de difícil compreensão. Logo, a relação entre a narrativa de Marlow e a parábola pressupõe a revelação de algo incompreensível, o que é corroborado pelo trecho de *O coração das trevas* que insinua que, para Marlow, o significado não habita o centro, mas é periférico à narrativa:

As histórias dos homens do mar têm uma simplicidade direta, cujo significado cabe inteiramente na casca de uma noz partida. No entanto, Marlow não era um marinheiro típico (excetuando sua propensão a contar histórias), e, para ele, o significado de um episódio não estava

dentro como um cerne, mas fora, envolvendo a narrativa que o descobriu apenas como um fulgor iluminando a neblina, na semelhança de um desses nevoentos halos que às vezes se tornam visíveis pela iluminação espectral do luar (Conrad, 2009, p. 9).

Não é estranha, por outro lado, a conclusão do crítico de que a narrativa não nos ajudará em nada (Miller, 1989), pois ela está relacionada ao pensamento de que o conhecimento das trevas pelo leitor talvez lhe possibilite um reconhecimento, mas não uma revelação, posto que a parábola só é capaz de explicar uma verdade para alguém que já a conhece.

Desse modo, a analogia do romance de Conrad com a parábola realmente não é de grande auxílio na compreensão de seus vazios, pois, da mesma forma que a parábola, o sentido de *O coração das trevas* está oculto do lado de fora, sendo inacessível, mesmo ao seu próprio narrador: Marlow, o marinheiro que conta a história, reluta em prosseguir o relato de sua jornada ao interior das trevas, como observou Brook Thomas (1989, p. 250):

Se, por um lado, elas [as lacunas] sugerem uma verdade que resiste à narrativização, por outro lado revelam a relutância de Marlow em continuar sua jornada narrativa em direção ao vislumbre da verdade que experimentou no coração das trevas².

Marlow é, assim, ao mesmo tempo, o detentor da palavra e aquele que se afasta das trevas da experiência que ela evoca. Num movimento que se parece com aquele que Walter Benjamin reconheceu no homem europeu do período entre as Grandes Guerras, Marlow tece uma narrativa justamente para se distanciar da experiência:

[...] não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso (Benjamin, 1994, p. 118).

Consequentemente, a experiência de Marlow é apenas parcial e, portanto, lacunar como sua narrativa. Ele não a levou até o fim, sendo natural que não a compreenda em sua totalidade. Isso é evidenciado pelo trecho do romance em que um garoto anuncia que Kurtz está morto, e Marlow apenas continua seu jantar:

Não tornei a me aproximar do homem notável que havia feito um julgamento sobre as aventuras de sua alma neste mundo. A voz se fora. Que mais havia ali? Mas sei, é claro, que no dia seguinte os

¹Para maior clareza, traduzi as citações dos estudos críticos. 'Emissary of light armed to the teeth'.

²If, on the one hand, they suggest a truth that resists narrativization, on the other, they reveal Marlow's reluctance to continue his narrative journey toward the glimpse of truth he experienced at the heart of darkness'.

peregrinos enterraram algo num buraco lamacento (Conrad, 2009, p. 133).

E, mais adiante:

São as aflições dele que tenho a impressão de ter vivido. Ele realmente deu aquele último passo, transpôs a borda do abismo, enquanto a mim foi permitido recuar o pé hesitante (Conrad, 2009, p. 135).

Marlow transmite a seus ouvintes as últimas palavras que ouviu de Kurtz, mas ele mesmo não chegou a experimentar o ‘horror’. É apenas a voz de Kurtz que ressoa nas palavras de Marlow e que é transmitida ao primeiro narrador, que, por sua vez, se dirige ao leitor. A experiência de Kurtz é, então, filtrada e ressignificada por relatos que se sucedem e que se referem não à experiência em si, mas tão somente a outros relatos anteriores.

Ainda no caso das parábolas bíblicas, há uma intenção moral que não se apresenta no relato da viagem de Marlow. Embora se justifique a analogia com a parábola na perspectiva de um texto com uma intenção oculta, não existe, em *O coração das trevas*, o objetivo de conduzir os ouvintes ou os leitores à bondade ou à justiça, ao paraíso ou a qualquer forma de comportamento. Pelo contrário, a narrativa é repleta de símbolos opostos, que frequentemente se unem e se confundem, de modo que se revela a união inextricável entre o bem e o mal, o claro e o escuro, a aparência e a realidade. É o que reconhece a crítica Adena Rosmarin (1989, p. 160), filiada à Crítica da Recepção:

[...] os sentidos em *O coração das trevas* não são facilmente acessados, [...] eles se mostram múltiplos, e essa multiplicidade se recusa a ser separada em qualquer das oposições que, como leitores de textos ou intérpretes do mundo, convencionalmente usamos como instrumentos de compreensão do sentido: cerne/nuvem, aparência/realidade, superfície/chão, dentro/fora, raso/profundo, literal/figurativo, evidente/obscuro, dizer a verdade/mentir, claro/escuro, bom/ruim – todas essas oposições são contrapostas nesse relato, que repetidamente se mostra inadequado à tarefa de fazer sentido³.

Através desses opostos é que nós, ouvintes e leitores, testemunhas do relato, classificamos o conhecimento que adquirimos e que é baseado na nossa experiência; todavia, Marlow utiliza expressões

como ‘neblina branca’ para simbolizar a ignorância, subvertendo a metáfora tradicional, que atribui à escuridão a ignorância, e à luz o conhecimento (Rosmarin, 1989). A constatação da existência de uma possível verdade profunda no texto, portanto, deve considerar que a mesma não faz parte da nossa experiência comum; logo, não pode ser representada pelos termos nos quais essa experiência se constitui na linguagem. As trevas resistem à nomeação, à definição e, conseqüentemente, à narrativização, e negam aos seres humanos que não a vivenciam o seu conhecimento, mas permanecem como algo obscuro na conduta dos indivíduos e nas relações sociais, ainda que, de forma velada, simbólica, seja representada no texto por meio de lacunas.

Numa perspectiva psicanalítica, essas trevas são interpretadas como o afloramento do inconsciente reprimido, que sempre retorna nos comportamentos humanos, visto que, sob o olhar da Psicanálise, as narrativas podem ser lidas nos mesmos termos que os sonhos, dado seu caráter ficcional, baseado na realidade, mas não exatamente verdadeiro (Murfin, 1989). Marlow dá abertura a essa aproximação:

Eu não enxergava o homem nesse nome [Kurtz] mais do que vocês. Conseguem enxergá-lo? Podem ver a história? Podem ver alguma coisa? Tenho a impressão de que estou tentando contar um sonho – uma tentativa vã, porque nenhum relato é capaz de transmitir a sensação onírica, onde aflora essa mistura de absurdo, surpresa e encantamento, num frêmito de emoção e revolta, essa impressão de ser capturado pelo inacreditável em que consiste a própria essência dos sonhos [...] (Conrad, 2009, p. 51)

Inicialmente, a Crítica Psicanalítica, na esteira dos estudos de Freud sobre os sonhos e o inconsciente, tendia a psicanalisar o autor da obra literária. Outros modelos, porém, têm aparecido e, principalmente a partir de Jung, é possível à Crítica Psicanalítica investigar os símbolos constitutivos de uma mentalidade coletiva. Assim, o artigo de Frederick R. Karl, presente na coletânea *Heart of darkness: a case study in contemporary criticism*, analisa a simbologia do imperialismo europeu, os impulsos sexuais irracionais e a nietzschiana vontade de poder de Kurtz, que caracterizaria qualquer ser humano.

Desse modo, as lacunas do texto são relacionadas à imprecisão dos sonhos, e o fato de viajar pela selva por um rio em forma de serpente é associado a um simbolismo sexual. Porém, talvez a grande contribuição de Karl (1989) seja o reconhecimento, no romance, da representação do elemento irracional da política, que depende da neurose de um líder se impondo sobre a neurose coletiva de um povo.

³[...] meanings in *Heart of Darkness* are not easily approached, [...] they show themselves to be multiple, and that this multiplicity refuses to be layered into any of the oppositions that, as readers of texts or interpreters of the world, we conventionally use as instruments of sense-making. Kernel/cloud, appearance/reality, surface/ground, inside/outside, shallow/profound, literal/figurative, clear/obscure, truth-telling/lie-making, light/dark, good/bad – all such oppositions are themselves opposed in this tale, repeatedly shown to be inadequate to the task of making sense.”

Outra constatação relevante é o fato de que o narrador Marlow possui a esperança cristã de que o 'horror' proferido por Kurtz pouco antes de morrer representaria o seu arrependimento diante das atrocidades que perpetrou; no entanto, do ponto de vista de Kurtz, suas últimas palavras bem podem ser a expressão de quem contempla a própria finitude no meio de um projeto que envolve senso artístico e poder e que ainda não foi completamente realizado:

Mais ambígua e ironicamente, o grito de Kurtz poderia ser um grito de desespero por, depois de ter realizado tão pouco, ter agora que morrer. Seu horror é a angústia de alguém que morre com sua obra incompleta. Nessa perspectiva, Kurtz não se arrepende; antes, ele lamenta um destino que vem frustrar seus planos (Karl, 1989, p. 130)⁴.

Karl ainda explora o simbolismo da escuridão como algo oculto na narrativa, mas não investiga profundamente as oposições simbólicas com as quais Marlow tece o nível do significante, ao qual é possível o acesso direto, ao contrário das trevas que subjazem continuamente no texto, mas que só podem ser interpretadas a partir da linguagem.

Quem faz essa investigação das oposições no discurso de Marlow é, como se viu, Adena Rosmarin, ligada à Crítica da Recepção. Sua visão poderia ser, portanto, a mais esclarecedora no processo de leitura e atribuição de um sentido à narrativa. No entanto, ao atestar a união de elementos opostos no texto, Rosmarin acaba questionando a própria possibilidade de existir um significado profundo.

Esse questionamento é conveniente a uma teoria que quer afirmar o papel do leitor na construção do sentido do texto. Rosmarin (1989) utiliza a narrativa de Marlow para demonstrar a possibilidade de que ela seja lida como um evento, e não como um objeto. Isso leva a autora a tomar *O coração das trevas* como um documento para questionar a própria crítica, pois a ausência de um significado último faz com que as lacunas sejam preenchidas com relativa liberdade pelo leitor com base nas suas experiências.

Primeiramente, a autora contesta a posição de Kant ao afirmar que a literatura é desinteressada, opondo a isso a ideia de que ela é interessada em si mesma. Segundo Rosmarin, o fato de os ouvintes de Marlow parecerem desinteressados em ouvir seu relato é precisamente uma crítica à ideia kantiana, muito influente no século XIX. Paradoxalmente, se, por um lado, o desinteresse dos ouvintes de Marlow sugere o ponto de vista de Shelley de que a literatura

não é ouvida com atenção, mas desinteressadamente, por outro lado, o relato é também uma crítica ao imperialismo europeu (Rosmarin, 1989). Dessa maneira, a história tenta provocar uma mudança em seus ouvintes e, por extensão, no leitor de *O coração das trevas*. Além disso, essa ideia oferece suporte para a autora conceber a literatura como um evento. Em outras palavras, Rosmarin reconhece, no texto, uma provocação para que o leitor faça parte do processo construtivo do sentido.

A expressão cunhada por outro crítico que se utiliza dos procedimentos da Crítica da Recepção, Stanley Fish, para uma literatura que não simplesmente repete o que o leitor já conhece, mas que o provoca para descobrir a verdade do texto é a 'apresentação dialética' (Murfin, 1989). Através dela, o crítico da Recepção investiga como o leitor pode ler e reler determinadas passagens em busca da construção de sentido. Essa interpretação da obra que se dá através do tempo, e não do espaço, como criam os formalistas, é que leva os estudiosos da Recepção a considerarem a literatura pelo que ela faz, e não pelo que ela é.

Outro conceito importante de Fish apresentado por Rosmarin é o de 'comunidades interpretativas', que são agrupamentos ou instituições que partilham das mesmas estratégias de interpretação. Desse modo, as comunidades acabam moldando o tipo de leitura que se pretende. Tomando isso em conta, o papel de críticos literários capazes de compreender como se estabelecem diferentes comunidades interpretativas é de extrema importância, pois só um olhar arguto, atento para as variações entre as diferentes leituras possíveis e entre as diversas estratégias que os leitores utilizam para atribuir sentido a uma narrativa, pode desvendar os comprometimentos existentes entre determinadas formas de interpretação partilhadas e reproduzidas nas comunidades interpretativas. A Crítica da Recepção assume, assim, o mérito de considerar o crítico um leitor informado, experiente, o que, aliado à aceitação de leituras divergentes, ocupa um importante espaço dentro das teorias contemporâneas por compreender e tentar abarcar o conhecimento de diferentes interpretações e de diferentes estratégias de interpretação para os mesmos textos.

Ao se pensar o crítico literário como um leitor, com suas experiências particulares, a conclusão de Rosmarin pode servir como uma explicação plausível para as divergências existentes na atribuição de sentido. Assim, pode-se dizer que ela acaba definindo, com base em um texto literário, a própria possibilidade de variadas interpretações da crítica

⁴More ambiguously and ironically, Kurtz's cry might be a shriek of despair that after having accomplished so little he must now perish. His horror is the anguish of one who dies with his work incomplete. In this view, Kurtz does not repent; rather, he bewails a fate which frustrates his plans.

como leituras apoiadas em diferentes estratégias, o que, ao mesmo tempo, justifica a existência de outras vertentes da crítica, além da Crítica da Recepção, que se utilizam do texto de Conrad para demonstrar sua aplicabilidade.

É fato que a Desconstrução também afirma a variedade de discursos críticos como uma multiplicidade de textos sobre um relato ficcional, entretanto há uma diferença de pressuposto entre as duas teorias: a Crítica da Recepção discorda da utilização da crítica como ‘metaficção’. Para os teóricos da resposta do leitor, o discurso crítico é a possibilidade de leitura do texto a partir da experiência, e não uma recriação imaginativa. Por isso, os adeptos dessa vertente de interpretação desenvolveram noções como a de leitor informado (Fish), leitor implícito (Booth, Iser) e narratário (Genette, Prince). Os conceitos divergem, mas algo que os une é a exigência do próprio texto ficcional da existência desses leitores, que são convocados a completar o seu sentido.

Desse modo, a leitura que Rosmarin faz de *O coração das trevas* defende especificamente a abertura que a narrativa dá para a participação do leitor no seu processo de construção de sentido. As lacunas, lidas pela autora como autodescrições incompletas da obra, remetem o leitor para o halo nebuloso, o sentido que circunda a narrativa, deixando-o sempre insatisfeito com os resultados de seus esforços para decodificar o significado. O que o texto exige do leitor é imaginar o sentido, mas o resultado é sempre uma figura incompleta, conforme o que avisa o próprio narrador do texto sobre a impossibilidade de se conhecer o significado na sua totalidade, ao declarar que a narrativa que se lê/ouve de Marlow é apenas mais uma de suas experiências inconclusivas:

[...] foi apenas após um longo silêncio, quando ele disse, numa voz hesitante, “Suponho que os amigos recordam quando certa vez me tornei um marinheiro de água doce por um tempo”, que nos percebemos destinados, antes do começo da vazante, a ouvir outra das experiências inconclusivas de Marlow (Conrad, 2009, p. 12).

Diferentemente disso, os teóricos da Desconstrução veem o próprio texto como um repositório de discursos opostos. É a demonstração de que o texto é, por si mesmo, um conjunto de significantes múltiplos. Nesse sentido, a Desconstrução valoriza o papel das oposições intrínsecas do texto. Para Derrida, que cunhou o termo Desconstrução, nosso pensamento é expresso por meio de oposições cujos termos são culturalmente considerados superiores ou inferiores uns aos outros (apud Murfin, 1989). Por outro lado,

avaliadas sempre no nível do significante, as palavras constituem o que Derrida denominou *différance*, ou seja, uma diferença que se realiza infinitamente entre elas e o que significam, uma impossibilidade de acesso imediato ao significado.

Por isso, a análise desconstrucionista que J. Hillis Miller promove do texto de Conrad não se debruça sobre o fato de que as oposições no nível do significante promovem uma subversão do simbolismo tradicional, mas desenvolve analogias com os gêneros da parábola e do apocalipse como uma forma de estabelecer relações entre os significantes como uma rede de signos. Além disso, o trabalho de Miller e da Desconstrução não está preocupado com a união dos símbolos provocada pela subversão das oposições, como na leitura de Rosmarin, mas preserva e desenvolve essas oposições, observando como o texto de Conrad altera a atribuição de valores positivo-negativo ou superior-inferior, geralmente aceita culturalmente.

Dessa forma, Miller vê o halo nebuloso do texto de Conrad não como um significado a ser apreendido pela interpretação metafórica do significante, mas pelo estabelecimento de relações com aquilo que o texto, mais do que apontar, evoca, da mesma forma que a luz sempre refletida da concepção de Marlow sobre o significado é como um fulgor que ilumina a neblina.

Outro ponto importante apontado por Miller é o papel desempenhado pela experiência dos ouvintes de Marlow e dos leitores de Conrad. Para Miller, o autor pressupõe que a experiência das trevas não pode ser comunicada, pois à sensação só pode ter acesso quem a vive:

Diferente de Marlow, seus ouvintes nunca têm uma chance de ver ou conhecer diretamente o homem por trás do nome [Kurtz]. O leitor, se nesse momento chega a pensar nisso (e o trecho é claramente um convite a pensar, um estímulo a isso), é exatamente na mesma situação em que estão os ouvintes de Marlow, apenas pior⁵ (Miller, 1989, p. 216).

Essa ideia possibilita aos críticos pensar no texto literário como um objeto permanentemente aberto à interpretação, muito mais do que a uma participação na construção de um sentido como leitor. A ironia de Marlow ao afirmar que seus ouvintes possuem um acesso direto à verdade da história remete ao fato de que a narrativa pode ser interpretada, diferentemente da experiência; logo, é negado o papel preponderante da experiência vivida. Eis a

⁵Unlike Marlow, his listeners never have a chance to see or experience directly the man behind the name. The reader, if he happens at this moment to think of it (and the passage is clearly an invitation to such thinking, an invocation of it), is in exactly the same situation as that of Marlow's auditors, only worse.

analogia entre a narrativa de Marlow e o apocalipse: ambos tratam de uma revelação a ser desvelada em camadas, uma após outra, o que só é possível pela linguagem. A linguagem que profere o apocalipse é propriamente a que conduz ao desvelamento em si, e não a uma verdade final.

Portanto, é possível afirmar que um eventual significado de *O coração das trevas* permanece oculto e que essa é a grande riqueza da narrativa como contribuição para a discussão das possibilidades de interpretação das diversas vertentes da crítica literária contemporânea. Como formas diferentes de uma hermenêutica da suspeita, essas teorias partilham da característica de não apontar para um significado único, mas para as formas pelas quais o texto esconde o que não pretende declarar abertamente. Se a Crítica da Recepção afirma o papel do leitor na atribuição de sentidos, nem por isso se aproxima mais de uma verdade do texto, mas possibilita a multiplicidade de leituras e insere o crítico, tido como leitor especializado, na construção do sentido; por sua vez, a Desconstrução atenta para a interpretação a partir de elementos que se relacionam de algum modo com o nível significativo do texto, de maneira que o crítico se torna intérprete criador, não partilhando da criação da obra investigada, mas tecendo o próprio discurso imaginativo sobre o discurso ficcional; e a Crítica Psicanalítica, em sua abertura ao inconsciente coletivo, apresenta as motivações ocultas das personagens a partir de um simbolismo de matriz freudiana e nietzschiana.

No entanto, apesar da validade das teorias da literatura apresentadas, há um traço em comum entre elas que deve ser evidenciado: a independência do texto com relação a critérios exteriores a ele, notadamente ao contexto histórico em que o texto é gerado e que especialmente *O coração das trevas* pretende representar, visto que, tanto para a abordagem psicanalítica quanto para a Crítica da Recepção e para a Desconstrução, as lacunas do texto de Conrad são interpretadas com base em leituras sobre o texto em si, sem considerar, de forma efetiva, os fatores sociais que lhe deram origem. Portanto, para compreender as relações de poder que se estabelecem no texto, é preciso atentar mais detalhadamente para o estudo feito por Brook Thomas, filiado à escola do Novo Historicismo. Para os críticos dessa corrente,

[...] obras literárias são simultaneamente influenciadas pelo real e influenciam a realidade, amplamente definida. Assim, quaisquer que sejam suas discordâncias, eles partilham uma crença na referencialidade – crença de que a literatura refere coisas fora de si mesma e é referida por elas –, que é

mais rara nos trabalhos de críticos formalistas, pós-estruturalistas e mesmo da recepção (Murfin, 1989, p. 234)⁶.

Na análise neo-historicista, as trevas sugerem o ocultamento das relações de trabalho, através das quais os sujeitos desprovidos de tempo para reflexão produzem a história, sem a consciência de que o fazem, à medida que reproduzem continuamente a sua situação de submissão irrefletida, subjugados que são a uma cultura eurocêntrica. Na interpretação de Brook Thomas, o texto de Conrad faz analogia a um inconsciente pré-histórico, ou antes a-histórico, que sobrevive no homem civilizado e com o qual ele se depara no contato com os africanos, que são vistos como primitivos, uma espécie de ancestrais dos europeus:

Haviam sido contratados por seis meses (não acho que algum deles tivesse uma ideia clara do tempo, como a que acabamos por adquirir ao final de incontáveis eras. Ainda pertenciam aos primórdios do tempo – não tinham experiência herdada para ensinar-lhes), e, é claro, enquanto houvesse um pedaço de papel escrito de acordo com alguma lei grotesca feita rio abaixo, não passava na cabeça de ninguém preocupar-se com o modo como iriam viver (Conrad, 2009, p. 77).

Logo, embora valorizando a tentativa que atribui a Conrad de perceber a existência do ‘Outro’, o não europeu, Thomas acusa-o de conduzir a narrativa de maneira eurocêntrica, preocupando-se apenas com o selvagem no interior do homem civilizado, e não com a representação daquele ‘Outro’ recém-descoberto. É assim que, preferindo uma interpretação de base marxista, Thomas defende que os trabalhadores, os subjugados, o ‘Outro’, é que fazem a história. Na escuridão de que fala Marlow, não estaria, portanto, o elemento primitivo da civilização, que pode ser visto, dessa forma, quando desprovido do ‘manto do tempo’, mas uma verdade à qual apenas os dominadores europeus têm acesso, enquanto os trabalhadores estão ocupados irrefletidamente com as tarefas que constroem e sustentam a civilização.

A análise de Thomas é, sem dúvida, a de maior relevância em termos de representação do colonialismo inglês no continente africano, já que, por meio das relações sociais entre metrópole e colônia do final do século XIX, o crítico questiona o discurso do próprio autor de *O coração das trevas*. Segundo esse discurso, é pela retirada das camadas

⁶[...] works of literature are simultaneously influenced by and influencing reality, broadly defined. Thus, whatever their disagreements, they share a belief in referentiality – a belief that literature refers to and is referred to by things outside itself – that is fainter in the works of formalist, post-structuralist, and even reader-response critics.

de linguagem que se chega à verdade, ou seja, pela retirada do ‘manto do tempo’ atinge-se aquela realidade primordial, constitutiva do ser humano, que é encontrada nos congolezes, tomados como primitivos, da mesma forma como essa verdade habita o âmago dos europeus: trata-se da inevitabilidade do encontro com a morte. Os europeus, no entanto, escondem essa verdade de si mesmos por meio das narrativas que configuram a civilização.

Para Thomas, porém, essa abordagem está centrada na figura do europeu, na preocupação com a intimidade profunda do europeu, uma natureza selvagem, uma escuridão, o ‘horror’ que se manifestaria no contato com os africanos. O que é necessário, segundo Thomas, é descentralizar a figura do conquistador e suas narrativas civilizatórias e reconhecer que a história humana não segue a mesma linha evolutiva em diferentes sociedades.

Nessa perspectiva, o crítico atenta para o comportamento dos africanos, que, conforme o relato de Marlow, são antropófagos, mas não se alimentam de seus companheiros de viagem europeus, ainda que tenham de tolerar a fome. Esse comportamento demonstraria que os africanos possuem uma capacidade de refrear seus instintos, perfeitamente conforme a razão europeia, mas ao contrário dos invasores brancos, que, como Kurtz, embevecidos com o poder ilimitado que conquistam na África, dão vazão a seus instintos mais cruéis.

Por conseguinte, só com a percepção do ‘Outro’ que também habita as entranhas do romance é possível uma compreensão do valor de *O coração das trevas* como representação das relações de poder existentes na sociedade do mesmo modo que elas existem na narrativa. A esse respeito, Thomas (1989, p. 244) identifica, em outras correntes da crítica, especialmente da Recepção, uma negação da alteridade:

O encontro de Marlow com Kurtz realmente torna-se um encontro consigo mesmo, e os encontros dos leitores com Marlow transformam-se em encontros com eles mesmos – assim, em algumas escolas críticas hoje, mesmo a alteridade na história que estamos lendo é negada. [...] dizem-nos que o que chamamos de texto é, na verdade, o produto de nossas interpretações⁷.

Desse modo, ao contrário das outras tendências, que se alinham ao pensamento de Nietzsche e de Freud, Brook Thomas busca seu antepassado

filosófico em Marx, reconhecendo a presença daqueles que não participam da enunciação do discurso, mas fazem parte do seu contexto histórico por meio do trabalho. Em suma, segundo Thomas, Conrad supõe que o trabalho esconde a ‘verdade’ da experiência humana, aquela verdade primitiva, a ser desvelada retirando-se as camadas da narrativa, enquanto, para Marx, o trabalho é que constitui a própria história:

Enquanto as afinidades da narrativa de Conrad com as narrativas freudiana e nietzschiana ajudam a explicar como ela serve de contramemória às narrativas eurocêntricas dominantes, suas diferenças da narrativa marxista ajudam a expor a contramemória de tais narrativas. Dizer isso não é argumentar que a narrativa marxista é a narrativa mestra que explica todas as outras; porém, desde que existem aqueles que oferecem narrativas da história humana que negligenciam o papel que o trabalho humano tem exercido na formação da história – ou, mais ainda, quem, como Conrad, oferece uma narrativa na qual o trabalho humano nos esconde a ‘verdade’ da experiência humana – desde que tais narrativas influenciam nosso senso de história, a narrativa de Marx servirá como uma lembrança dos atos de repressão (Thomas, 1989, p. 253-254, grifo do autor)⁸.

Sendo assim, ainda que todas as teorias analisadas contribuam para a compreensão dos vazios do texto de Conrad, não se pode desviar os olhos do fato de que há uma situação de exploração econômica que gera transtornos humanos históricos e que o elemento silenciado na narrativa é um ‘Outro’ que o progresso da civilização europeia prefere não ver.

Conclusão

Uma leitura ampla precisa fazer uso das diversas possibilidades que os estudos da crítica literária oferecem, de modo a aceitar que a ausência de um significado único em *O coração das trevas* pode fazer sentido, em diferentes perspectivas, como o aflorar do inconsciente, como uma abertura à experiência do leitor ou mesmo como as relações de trabalho estabelecidas pelo eurocentrismo. Se, portanto, o sentido final da narrativa de Marlow continua inacessível, as discussões em torno dele justificam a existência de uma investigação literária com base na suspeita e a possibilidade de múltiplos discursos.

⁸Whereas the affinities of Conrad's narrative with Freudian and Nietzschean narratives help explain how it serves as a counter-memory to prevailing Eurocentric narratives, its differences from the Marxist narrative help expose the counter-memory of such counter-narratives. To say this is not to argue that the Marxist narrative is the master narrative that explains all others. But so long as there are those who offer narratives of human history that neglect the role human labor has played in shaping history – or even more, who, like Conrad, offer a narrative in which human labor hides us from the ‘truth’ of human experience – so long as such narratives influence our sense of history, Marx's narrative will serve as a reminder of acts of repression.

⁷ ‘Marlow's encounter with Kurtz really becomes an encounter with himself and readers' encounters with Marlow transform into encounters with themselves – so in some critical schools today even the otherness of the story we are reading is denied. [...] we are told that what we call the text is in fact the product of our interpretations.’

Isso vem ao encontro da conclusão de J. Hillis Miller (1989), o qual afirma ser ele mesmo apenas mais uma testemunha da viagem de Marlow, encobrindo a iluminação, ao mesmo tempo em que procura por ela.

Entretanto, sem se atentar para o 'Outro' na grande narrativa da civilização ocidental, nunca se conhecerá todo o horror que acompanha o ser humano e que não tem lugar nessa narrativa, senão por meio de lacunas que surgem como enigmas esperando incessantemente para ser decifrados.

Referências

- Benjamin, W. (1994). Experiência e pobreza. In W. Benjamin (Ed.), *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (7a. ed., Vol. 1, p. 114-119). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Conrad, J. (2009). *O coração das trevas*. (Albino Poli Jr., trad.). Porto Alegre, RS: L&PM.
- Karl, F. R. (1989). Introduction to the *Danse macabre*: Conrad's *Heart of darkness*. In R. C. Murfin (Ed.), *Heart of darkness: a case study in contemporary criticism* (p. 123-138). New York, US: St. Martin's Press.
- Miller, J. H. (1989). Heart of darkness. In R. C. Murfin (Ed.), *Heart of darkness: a case study in contemporary criticism* (p. 209-225, ed. rev.). New York, US: St. Martin's Press.
- Murfin, R. C. (1989). *Heart of darkness: a case study in contemporary criticism*. New York, US: St. Martin's Press.
- Nietzsche, F. W. (1983). Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral. In F. W. Nietzsche (Ed.), *Obras incompletas* (3a. ed., p. 45-52). (Rubens Rodrigues Torres Filho trad.). São Paulo, SP: Abril Cultural.
- Rosmarin, A. (1989). Darkening the reader: reader-response criticism and *Heart of darkness*. In R. C. Murfin (Ed.), *Heart of darkness: a case study in contemporary criticism* (p. 148-171). New York, US: St. Martin's Press.
- Thomas, B. (1989). Preserving and keeping order by killing time in *Heart of darkness*. In R. C. Murfin (Ed.), *Heart of darkness: a case study in contemporary criticism* (p. 237-258). New York, US: St. Martin's Press.

Received on December 14, 2015.

Accepted on May 10, 2016.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.